
Notas Bibliográficas

BOFF, Leonardo: *A águia e a galinha*. Uma metáfora da condição humana. Petrópolis, Vozes, 1997, 2ª ed. 206 pp., 23 x 15,8 cm. ISBN 85.326.1845-6. 23 cm x 15,8 cm

É um livro de profundidade simples e de simplicidade profunda. O A. conta a historieta da águia e da galinha. Situa-a no seu contexto de origem. Gana, África Ocidental num momento político importante. A dominação inglesa ameaçava continuar adormecendo as consciências dos nativos. E então James Aggrey, numa reunião de lideranças populares na qual se discutiam os caminhos da libertação do domínio colonial inglês, vira o clima ao contar a história de uma águia que fora criada num galinheiro. Torna-se verdadeira galinha. E então um naturalista consegue despertar-lhe a consciência de águia.

Num segundo momento, L. Boff reconta a história, ampliando-lhe os elementos narrativos, a modo dos midrashim-haggadá judaicos. E num terceiro momento, que é a parte maior do livro, faz-lhe uma releitura numa perspectiva antropológica. Daí o subtítulo do livro: Uma metáfora da condição humana.

Nessa interpretação, elucida como a realidade enquanto tal, e a realidade humana, em especial, articula uma dualidade fundamental. Distingue, logo de início, os dois termos "dualidade" e "dualismo". Sem querer de modo algum abolir a dualidade — a existência da complexidade, de dimensões distintas —, rejeita o dualismo que considera as realidades justapostas, sem relação entre si.

A dualidade indica a existência de uma única e mesma realidade com pólos diferentes. Usa a conjunção aditiva "e". O dualismo usa a disjuntiva "ou". Elenca uma série de dualidades que passa a analisar: Caos e cosmos, onda e partícula, corpo e alma, fé e religião, ética e moral. Exemplifica tal distinção com as figuras históricas de Platão e Aristóteles, como aparecem no quadro de Rafael, com saberes alternativos da astrologia, do jogo de Tarô, dos oráculos de I Ching.

Nessa perspectiva da dualidade, como elementos a serem integrados numa unidade maior e superior, descreve o significado antropológico de "ser águia" e "ser galinha". O desafio é fazer conviver em nós o "ser galinha" do realismo, do cotidiano, do nosso pequeno mundo e o "ser águia" de nossa abertura ilimitada, paixão indomável, projeto infinito.

Leva até o fim do livro esta tensão, chamando a atenção para o risco do sistema no momento atual de querer manter-nos "galinha", anestesiando, recalçando a nossa dimensão de águia.

Por isso, desenvolve o processo psico-pedagógico e social de libertação da águia em nós. Trabalha de maneira muito bonita o processo de personalização pelo qual vamos libertando em nós a dimensão de águia. Nesse movimento, o arquétipo do herói/heroína desempenha papel evocador sob diferentes formas. Em seguida, trabalha o arquétipo do paraíso e da queda. Avança sua análise, mostrando a belíssima função do mestre, das figuras exemplares. Termina esse capítulo mais longo, explicitando o significado da experiência do Numinoso, simbolizado pelo sol. A águia reencontra sua própria identidade, ao deixar-se tocar pelo esplendor do sol, mergulhando em seguida no azul infinito. O término desse processo se faz pela provocação da Transcendência e pelo mergulho no grande Útero.

Pequeno capítulo final sintetiza os dois arquétipos trabalhados no decorrer do livro — galinha e águia. Para facilitar a leitura, consta, no final, um glossário explicativo dos conceitos mais difíceis.

Em gênero literário parabólico, L. Boff transmite ensinamento fundamental para o momento atual, ao estudar uma tensão básica de nossa cultura atual. De um lado, o realismo, a razão instrumental e objetivante, os sistemas estruturados, a lei, a norma, a disciplina, a raiz etc. e, de outro, a utopia, os sonhos, a fantasia, a abertura, o espírito, o carisma, a copa, etc.

À medida que o leitor vai acompanhando a metáfora, a realidade atual se desnuda a seus olhos. As críticas são pertinentes, finas, profundas, feitas sob a forma tão jesuana da parábola. É um gênero que permite a cada leitor projetar e identificar seu mundo implícito e não tematizado.

Além do mais, o texto literariamente é saboroso. Lê-se com gosto. Com o mesmo prazer com que se entra no livro, ele se aninha em cada um de nós com sua força provocativa. Atravessa a reflexão o conceito junguiano de arquétipo. Dessa maneira, tenta superar a racionalidade analítica, fragmentada cartesiana por uma racionalidade integradora. L. Boff já vem trabalhando com este tipo de reflexão em seus últimos livros. Esbarrará certamente com certo ceticismo dos filhos devotados e presos ao tipo de racionalidade moderna, masculina dominante. O veio feminino da sensibilidade, da fantasia, da intuição, do discurso simbólico, do uso do mito, dos arquétipos permeia todo o livro. Isso permite uma leitura mais subjetiva. Cada leitor, de certa maneira, reescreverá para si o livro, ao lê-lo, projetando e identificando suas experiências.

Nem precisa dizer, que um livro tão bonito, leve e saboroso encanta e inebria os leitores. Continua, sob outra forma, um discurso socialmente e institucionalmente crítico. É mais a fala do sábio que do acadêmico. Nasce mais do lóbulo direito do cérebro que do esquerdo, da mão poética que prosaica, da intuição que da dedução, da fantasia criativa que da racionalidade analítica. E mesmo assim, circulam conhecimentos hauridos em fontes científicas modernas. Se alguém quiser mergulhar num texto não somente belo e bem escrito, mas também questionador e provocante, então aventure-se.

JBL

ROHDEN, Cleide Cristina Scarlatelli: *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Edipucrs, Porto Alegre, 1998. 137 pp., 21 x 14,5 cm. Coleção Filosofia, 69.

Mircea Eliade é considerado um dos maiores filósofos e historiadores das religiões contemporâneas. Um estudo aprofundado desse autor justifica-se pelo seu próprio valor e pela importância do fenômeno religioso nos dias de hoje. Nada melhor do que estudar nessas ocasiões aqueles pesquisadores que se tornaram clássicos pela abundância e profundidade de seus estudos.

O mundo moderno tentou desfazer-se de toda realidade transcendente, de toda religião. Mas o sagrado, segundo M. Eliade, sobrevive camufladamente sem jamais ter sido totalmente abolido da vida do homem moderno. Destarte, pode-se assistir a essa "vingança" do sagrado, na expressão do filósofo marxista Kolakowski. A A. desse livro pesquisou na obra de M. Eliade precisamente a categoria da "camuflagem" do sagrado para entender melhor o fenômeno religioso atual.

Percebeu muito bem como M. Eliade supera uma hermenêutica reducionista de corte marxista e freudiano do fenômeno religioso, já que ele tem um horizonte interpretativo mais amplo.

O livro é uma dissertação de mestrado, apresentada na Universidade Federal de Minas Gerais. Texto claro, conciso, bem escrito e metodologicamente bem trabalhado.

Num primeiro capítulo, a A. apresenta brevemente a especificidade do fenômeno religioso na obra de Eliade. Esta consiste em estudá-lo precisamente na irredutibilidade da sua dimensão religiosa, não o limitando a nenhum dos seus aspectos secundários, sem contudo descuidá-los. Apresenta também concisamente o itinerário do Sagrado na História percorrendo autores como Durkheim, R. Callois, R. Ott, Van der Leeuw para terminar com a concepção eliadiana.

No segundo capítulo, estuda-se a dialética da manifestação do sagrado constituída por três momentos: ruptura do sagrado e profano, relação paradoxal entre ambos e opção e juízo de valor diante do sagrado. Em seguida, a A. aprofunda a reflexão sobre a "coincidência dos opostos" nos símbolos, mitos, ritos e crenças religiosos. Pois, toda hierofania mostra a coexistência de duas essências opostas: sagrado e profano, espírito e matéria, eterno e não eterno. Termina o capítulo com breve explicitação do jogo antinômico de significações na Esfera do Fenômeno Religioso. Na esfera do profano, encontramos significações sagradas enquanto na esfera do sagrado encontramos significações profanas. Está preparado o terreno teórico para os dois capítulos seguintes e centrais da dissertação.

Assim, o capítulo terceiro trata diretamente da camuflagem do sagrado. Num primeiro momento, mostra o profano como mediação para a manifestação do sagrado. Avança a reflexão, apontando para o fato de o sagrado revestir-se das mais diversas formas, apresentando-se sob as mais variadas máscaras profanas. Na camuflagem há um jogo de velamento e desvelamento. A A. trabalha o conceito etimológica e semanticamente para melhor entendê-lo.

E no último capítulo, aborda a radicalização da camuflagem do sagrado em profano no mundo moderno. Fato ligado naturalmente à aventura religiosa do Ocidente e a seu choque com a modernidade.

O pensamento de M. Eliade levanta uma série de questões filosóficas e teológicas. Naturalmente não era pretensão de A. entrar nesse emaranhado teórico, mas simplesmente apresentar, de maneira inteligente e sistematizada, o pensamento de Eliade. E isso o fez com maestria. Excelente livro para perceber esse jogo sub-reptício entre sagrado e profano à luz de um dos principais pensadores no ramo.

JBL

BOBBIO, Norberto: *O Tempo da Memória*. De Senectute e outros escritos autobiográficos. Prefácio de Celso Lafer. Tradução (do italiano) Daniela Versiani, Rio de Janeiro, Campus, 1997. 21 x 14 cm., 205 pp. ISBN 85-352-0166-1.

O famoso jurista e politólogo italiano, já provento em idade, recolhe nesse livro vários textos de natureza recordativa e autobiográficos, configurando um livro de memórias de vida. Os textos vão desde reflexões sobre a sua própria idade avançada, o que os franceses chamam de "très agés", até relatórios de suas obras com comentários laterais. Desprende do livro uma personagem extremamente simpática pela simplicidade e objetividade modesta a respeito de si mesmo. O A. consegue escapar de uma falsa modéstia, como também não sucumbe a nenhuma vaidade acadêmica. Emerge com clareza uma personalidade de enorme produtividade intelectual no duplo campo do Direito e das Ciências Políticas. Nos textos sobre a idade senil, há considerações muito interessantes. Destila um certo pessimismo e, sobretudo, falta-lhe a esperança da vida para além da morte. A vida é uma descida, como ele diz, "em direção a nenhum lugar", longa e lenta.

Sem ser um livro de caráter teórico, mesmo assim consegue-se ter uma idéia do mundo ideológico do A. Transparece um homem crítico, aberto socialmente, moderado, amante da liberdade. Num dos textos, ele faz um balanço de suas obras onde retoma suas idéias centrais. O mesmo vale de um seminário organizado em torno de seu pensamento em que as exposições abordam ângulos diversos de sua obra. E, ao comentar tais colocações, repassa brevemente seu itinerário teórico.

No final do livro, desenha-nos, resumindo em poucas palavras, a linha fundamental de sua vida: "Aprendi a respeitar as idéias alheias, a deter-me diante do segredo de cada consciência, a compreender antes de discutir, a discutir antes de condenar" (172s). Prossegue dizendo: "detesto os fanáticos com todas as minhas forças".

Enfim, é um livro agradável. Há passagens que refletem uma realidade muito local com referências a personagens menos conhecidos fora do âmbito

italiano local. Além de textos do A., há uma introdução de C. Lafer, que prepara o leitor para compreender a pessoa de Bobbio. Há também, no final, notas e apêndices, quer sobre os textos do livro, quer sobre o conjunto da vida de Bobbio.

JBL

JOHNSON, Paul: *The Quest for God. A Personal Pilgrimage*. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1996. 22,3 x 14,5 cm., 216 pp. ISBN 0 297 81764 7.

Este autor ocupou as páginas amarelas da *Veja*, em março de 1998, com a manchete: "A voz da direita". P. Johnson é um famoso historiador inglês, católico, que militou nas hostes da esquerda, na década de 60, abraçando, mais tarde, a ideologia conservadora e apoiando o governo conservador da Mrs. Thatcher. Fustiga, com sua pena crítica e ferina, as posições progressistas na Política e na Igreja. Perto dos 70 anos, nesse livro, em estilo jornalístico, pessoal, crítico e arguto, aborda uma série enorme de temas religiosos. O título indica a preocupação fundamental com a problemática de Deus.

Mesmo discordando de suas opiniões, o leitor sente prazer em lê-lo. Além de uma elegância e simplicidade de estilo e linguagem, com um inglês transparente — que até um estrangeiro sabe apreciar —, possui uma verve sutil e irônica. Relembra o nosso finado Gustavo Corção, com trajetória semelhante. Talvez, não chegue aos extremos do escritor brasileiro nas suas críticas à Igreja progressista e libertadora. P. Johnson mantém uma posição conservadora nas questões polêmicas no interior da Igreja: celibato, moral sexual, reformas, teologia da libertação etc. Com penas vigorosas, desfaz, de maneira pouco matizada, seus adversários. Exatamente como o fez nas páginas amarelas, ao falar de Sartre, de Marx etc. Defensor ferrenho do atual pontificado, em suas posições mais conservadoras no referente ao interior da Igreja.

Para um leitor não afeito ao mundo saxônico, o A. faz desfilar, sem apresentações, uma série de personagens públicas desconhecidas. Com isso, perde-se a contemporaneidade das afirmações. É livro muito inglês quanto à perspectiva e ao universo de referências. A lógica do A., ora baseada em argumentos convincentes, ora fundada em afirmações apodíticas, dadas como evidentes, sem ulterior preocupação de justificá-las, avança impávida por uma quantidade enorme de temas. Não os matiza. Não é esse seu interesse, nem a natureza do livro. É um livro que confirma os conservadores, reforça-os em sua posição e deixa os adversários com alguma inquietação, ainda que não convencidos.

Há páginas brilhantes e saborosas que se lêem com gosto. Mas não creio que seja, num momento em que o movimento conservador se firma no interior da Igreja e afasta tantos fiéis, um serviço pastoral adequado. Em todo caso, é uma voz respeitável que nos faz pensar.

JBL